

*onde a foz principia*

Quem se acerque deste livro de poesia atraído pelo título ou pelo nome do autor não ficará certamente dececionado. Jornalista bem conhecido em diversos suportes (jornais, rádio, televisão), Alberto Serra cedo se destacou por aquilo a que talvez possamos chamar um *ritmo* situável entre o *devagar* e o *de vagar* e que o espectador/ouvinte/leitor mais desatento não deixa de notar: o ritmo sereno e quase terno de um jornalismo que não se fica pela espuma dos dias, revelando um olhar que nos ajuda a ver para além do imediato mas que nada tem de didático. Pelo contrário: quase pede desculpa por ter de nos conduzir. Um tal ritmo e um tal olhar, permitindo-nos entrever a poesia do quotidiano, revelam também o poeta que está à frente do jornalista. O poeta que sabe dar a ver outro poeta, como no recente documentário sobre Manuel António Pina *Um sítio onde pousar a cabeça*; mas também o poeta em nome próprio, autor de *Aparo do demónio*, de 2006, e deste *Morrer de vagar*.

Um dos traços mais pessoais e mais singulares dos textos reunidos neste volume tem precisamente a ver com o ritmo ou tem implicações no ritmo: o uso do ponto final. Traço da escrita a que raramente prestamos atenção, porque demasiado comum e pouco expressivo, ele é objeto de uma interessante reinvenção por parte de Alberto Serra, que não percebemos de imediato e que temos dificuldade em aceitar: *hoje desligaram os geradores. e a corrente que / nos liga ao segredo. / foi cortada. hoje disseram-me. que o melhor é desistir*. Exemplos como este mostram que cabe ao leitor a composição do verso, enquanto unidade rítmica, mas também enquanto unidade de sentido. As aparências enganam portanto: para além de nem sempre ser final, o ponto pode ser dois – e até três (reticências) –, como pode cor-

responder a uma vírgula. Também por isso, o leitor não é nunca o terceiro excluído, mesmo se na maior parte dos poemas um *eu* parece dirigir-se a um outro *tu*: *a árvore / e a sombra / colhem frutos / em redor dos teus olhos*. Isto porque, mesmo quando o registo dominante é o do lirismo amoroso – aquele que nos dizem estar fora de moda –, o caminho nunca é o do mero confessionalismo, havendo sempre um *sopro* que abre o poema noutras direções. Pode ser uma imagem ou uma palavra com a força da inovação: *arte de antiga / lavadeira / a tua língua enxuta-me*. Pode ser a sugestão plástica: *Outono / punhal / rosa / fogueiras / içadas*. Pode ser o desvendar da linguagem do corpo: *há outra pele. dentro da tua pele. uma rua de luz / mínima. onde o meu corpo frio. reconhece os limites*. E é sobretudo a proposta da poesia como forma de (auto)conhecimento: *nunca o poema / estivera tão próximo / de ser rosto. / no olhar inteiro / de cada verso*.

O leitor que aceitar esta proposta de poesia sairá daqui renascido, com o vigor que resulta do verdadeiro *vagar*, o do clássico *otium*.

Francisco Topa